



Angústia de passador: transparência e desaparecimento

Leonardo Assis

Naquela temporada em Paris, *il a plu*, ele choveu todos os dias... A tempestade poderia ter sido um desastre... Assim o foi.

Uma psicanálise é a escrita de um *des-être*, desastre obscuro que porta a luz, força de escrita coerente com o dizer de Maurice Blanchot. Tal consequência, “*des-ser*” no real, Lacan a nomeou de passador, efeito de uma metamorfose pulsional que encontra seu espaço e tempo no corpo daquele analisante que no inédito de uma travessia inaugura o momento final de sua cura. *Encore* nos embaraços da transferência, menos desconfortável, não sem angústia, ele recolhe os efeitos da participação do analista na escrita de sua análise, dado que a designação da qual recebe notícias consiste em um manejo na direção de seu tratamento, dessa vez com a especificidade do rumo ao fim.

O passador está diante de uma dupla responsabilidade. Por um lado, há aquela que se refere ao compromisso no dispositivo do passe, ou seja, o seu laço com a Escola e a manutenção da psicanálise na cultura. Por outro, está às voltas da eficácia de sua cura, a qual reside em ultrapassar a interpretação da escolha do Outro pela coragem de se interrogar “*o que foi que eu fiz?*”, ou em sua *transparência com o real*, “*como me fiz passador?*”- uma resposta litoral que está para além das categorias subjetivas da consciência, que não é da ordem do cálculo ou do “bem-sucedido”, pois implica essa espécie de desloca/descolamento, uma “*mudança do estatuto do eu, de uma temporalidade e talvez de linguagem*”(1). Sem as chaves de leitura da fantasia, o passador comemora a angústia fundamental quando, no desencontro com o Outro, o novo sujeito encontra a primeira palavra – sem qualquer precedente, sozinho na sua tarefa de tradução, esse analisante possui como única referência o afeto que nunca engana, esse que não é do registro do pensamento, mas da experiência mais radical da existência: o tempo passa o corpo...

“*Thomas se sentou e olhou para o mar*” (2) ... Se na má educação sorteei Wilde, Beckett, Duras como passadores, foi pela análise que topei com Maurice Blanchot.

www.champlacanien.net



Thomas, o obscuro, deixa-se tomar pelas palavras que realizam o movimento das ondas – desde a primeira frase, internamo-nos em seu trabalho. Durante certo tempo, permanece suspenso, anestesiado como se seu único objetivo fosse seguir o movimento de outros nadadores... A névoa parece impedi-lo de ir mais além... Aos poucos, o horizonte se abre aos seus olhos e é transmissível sua condição de abertura às ondas... O passador é envolvido lenta e progressivamente em uma vivência angustiante de leitura... Leitura de quê?

Dadas as provas em sua análise pessoal de tradutor de seu próprio inconsciente, o passador é agora convocado a passar os termos políticos e po-éticos pelos quais o passante se autorizou e embora não seja um exibido, ele se afeta e se transforma pela sua função. Desde a notícia do sorteio, entre os encontros com o passante, até a reunião com o cartel do passe, o passador se deixa retirar quanto ao que se perde em uma transmissão para colocar acento no ritmo do passante, nisso que da frase aponta para a escansão do ato analítico - seu barulho indica que *“impor o silêncio a si mesmo, é que, em definitivo, para se calar, é preciso falar”* (3).

De volta ao consultório de seu velho amigo, o passador alcança que apesar de “parecer” estar falando de si, na verdade faz falar as palavras: *“ele percebe a estranheza de ser observado por uma palavra enquanto ser vivo, e não apenas por uma palavra, mas por todas as palavras que estavam dentro dessa palavra, por todas aquelas que a acompanhavam e que, por sua vez, continham outras palavras dentro de si”* então *“as palavras tomaram conta dele e começaram a lê-lo”* (4). Thomas passa uma deformação essencialmente corporal que em nosso campo conhecemos por castração, vivida então nesse momento sem encobrimento e que traça no horizonte a arrebatadora possibilidade: *posso des-aparecer...* Uma queda de uma ponte, uma internação no mar, encerrar-se em si mesmo, mais ainda, *encorps...* Um lançamento, mas não suicida... Ele pode cair como letra inscrevendo-se como sujeito no real, ao fazer da hiância que reúne as leis da linguagem a causa reguladora de sua responsabilidade.

Thomas está em constante desprendimento de si mesmo, *“il pleut”*, ser invisível, perceptível apenas pelo desenho que a chuva realiza ao banhar seu corpo – ele se mistura



com os elementos ao seu redor, as águas, as árvores, as folhas, a própria chuva... Seria isso o fim: destituir--se progressivamente, a cada vez, cada vez mais, a ponto de se confundir com a própria linguagem, sem filiação, sem pronome pessoal? Ele se faz texto quando o real arrebenta... Esse furo irremediável do simbólico, jamais obturável, pode ser povoado pelas areias da língua – nesse assoreamento que faz do tempo um benefício, a queda é amortecida chovendo-se em letras capazes de transmitir uma originalidade.

Transparência. Em língua portuguesa, do que possui compromisso com a verdade; sinônimo de clareza, do que não é ambíguo; na ciência óptica, instrumento que faz passar a luz; material que, dada a sua qualidade transparente, permite a projeção de texto a ser lido: “*ele entrou com o seu corpo vivo nas formas anônimas das palavras, dando-lhes substância, formando as suas relações, dando à palavra ser o seu ser*”(5) Se o passador é o passe, é porque ele vive a angústia e à despeito da temporalidade alucinante em que desdobra a sua função, deixa-se povoar por esse afeto e tira dela a herança de novas palavras, *mots de passe* para deixar passar, para “trans-parecer” o texto do passante que comporta.

“*Eu penso, logo não sou*” (6) pois o passador existe a não ser como um texto a ser lido... Quando o sujeito (des) aparece, quando ele sai de si mesmo, aí está a passagem onde pode emergir uma singularidade radical, estrangeira, uma autenticidade que explica a transparência da angústia e de passador ser esse nome para a indeterminação que deixa passar... Que deixa passar... Se na responsabilidade com a verificação da psicanálise deixar passar não garante certamente uma nomeação - “*o passador é esse (aquele) passe*” (7) - em sua análise o passador deixa a angústia passar da fala ao estatuto de um dizer: sua verdade é que ele guarda a marca de uma virada, ou seja, há um corpo que só pode ser verificado pelas experiências vividas. “*Olhos avermelhados pelo sal*” (8), o corpo passa o tempo...

Referências

(1) BLANCHOT, Maurice (1980/2014). *L'écriture du désastre*. Éditions Gallimard, p. 45.

www.champlacanian.net



- (2) BLANCHOT, Maurice (1950/2014). *Thomas, l'obscur*. Éditions Gallimard, p. 9.
- (3) BLANCHOT, Maurice (1983/2013). A comunidade inconfessável (Título original *La communauté inavouable*). Editora Universidade de Brasília, p.77)
- (4) BLANCHOT, Maurice (1950/2014). *Thomas, l'obscur*. Éditions Gallimard, p. 28.
- (5) BLANCHOT, Maurice (1950/2014). *Thomas, l'obscur*. Éditions Gallimard, p. 29.
- (6) BLANCHOT, Maurice (1950/2014). *Thomas, l'obscur*. Éditions Gallimard, p. 114.
- (7) LACAN, Jacques. (1967/2003). *Proposição de 9 de outubro de 1967*. In: Outros Escritos. Jorge Zahar Edições, p. 260.
- (8) BLANCHOT, Maurice (1950/2014). *Thomas, l'obscur*. Éditions Gallimard, p. 48.